

A Psicanálise do fim do mundo

(2018)

VII

Do cinismo aos coletivos?¹



Sumário

O desejo é sua interpretação	2
A interpretação incide sobre a causa do desejo	3
Familiário, Salmão e miolos	4
Um mundo sem resto?	5
O falo é um símbolo em uma estrutura	7
Chaplin e o segredo da comédia	8
O Cinismo	9
O sétimo episódio da série Atlanta para o cinismo.....	10
Opavivará e o Tupycolé	11
Hang the dj	12
Coletivos.....	14

¹ Este texto reproduz encontro de 09.08.2018, do seminário do ICP-RJ “A Clínica do Fim do Mundo”, transcrito por Cida Malveira.

Bem-vindos,

O fim do mundo já foi, foi no ano passado. Hoje, estamos trabalhando: “o que é uma clínica sem objeto”, ou “o que é uma psicanálise, sem objeto a ”

No primeiro semestre, propus a ideia de as formações do inconsciente, retomadas do ponto de vista do objeto a , começamos com o chiste, foi o que tentamos fazer. Lacan é muito clínico, e isso eu não queria perder, esse efeito de formação. O que é interpretar? O que é interromper a sessão? O que é analisar? É isso que gostaria de trabalhar tendo como base, esse operador que Lacan chamou de objeto da psicanálise, que ele diz que inventou. Não estava em Freud, e Lacan o acrescentou suplementarmente, nesse sentido da invenção.

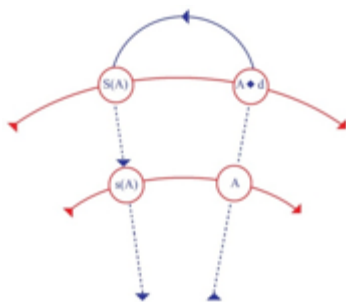
A próxima etapa desse semestre será o sintoma e o falo, como estamos próximo do XXII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, que acontecerá em novembro e que é sobre o falo, seria bom ficarmos próximo disso. O sonho, queria deixar para o ano próximo.

Vamos retomar o percurso que pensei.

O desejo é sua interpretação

A ferramenta de trabalho, o Grafo do Desejo, ferramenta de Lacan que vamos retomar vai nos ajudar.

O desejo é o que aparece entre os dois, o desejo não é aquilo que nomeio como secreto, aquilo que estava secreto e foi nomeado é o que está na linha de baixo. Tive a impressão que alguns pegaram da última vez a ideia da interpretação, que não é passar da condição de consciência para a cadeia inconsciente. Claro que sim, passa, mas o principal é abrir alguma coisa entre as duas cadeias, as duas formações, lembrando sempre que não são duas.



Participante: tem o caso que vimos de alguém que tinha muito medo de fazer cocô na rua, porque uma vez tinha feito cocô no carro de uma amiga e numa sessão ela estava falando do pai que dava aula na mesma escola que ela estudava, então não podia fazer cagada. Ela usa o significante “cagado”, para dizer que o pai estava ali, tinha a coisa do olhar do pai.

No lacanismo temos a ideia de que é o significante que vai fazer a passagem, nesse caso, o significante *cagada*.

A tendência seria dizer “Ah! Você tem medo, mas pense que seu pai era muito exigente e que talvez seja o medo dele” – É a interpretação sugestiva, impositiva – “na verdade, o que você tem é do meu pai, quando tem medo de fazer besteira na rua”. Seria uma maneira de apresentar o elemento inconsciente tentando dizer que esse sentido vale mais que o sentido consciente.

O que Lacan propõe são duas coisas e as duas são fundamentais, primeiro, “não faça isso pelo sentido, faça pelo significante”, pega o “cagado” e se der para passar para o outro lado, tudo bem, mas se não der, não deu. Segundo, e isso a gente esquece: não force o sentido, não apresente o sentido que você está lendo.

Nessa hora, o melhor é ser mais ignorante. Você tem vontade de ler, e pode dar certo, mas você vai ter mais segurança se apostar apenas no significante que seja o *Schiffer*, que faça a passagem e não no sentido que você já adivinha.

Já se ganha muita coisa com isso, tecnicamente, se você se apoia no significante, corta, corta e não acontece nada, é porque alguma coisa que não é para acontecer mesmo, enquanto que quando você apresenta o sentido, a pessoa sempre acaba sempre um pouco, concordando ou discordando sem que saibamos se foi o que era para ser ou nossa sugestão.

Apesar de ter aparecido, apesar de estar conectado, o que importa é o efeito de verdade e não a coisa que foi dita. Quem não teve um pai severo? As histórias que reconstituímos no inconsciente são histórias como as histórias conscientes. *É o agenciamento delas em ato que produz o efeito verdade.* Fazer esse atravessamento, estabelecer uma tensão, algum efeito de verdade entre as duas.

Nem todos lacanianos tem isso claro. O objetivo não é fazer efeito, aleatório, de sentido, mas essa montagem de dois planos de sentido, porque é no “entre-dois” que vai se localizar o feito de verdade. Isso é o fundamental.

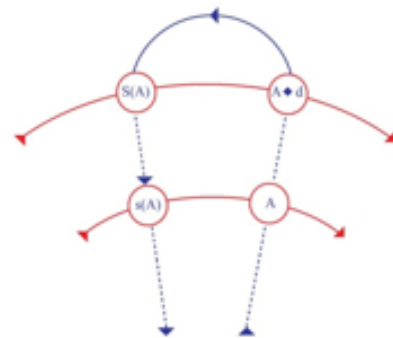
Esse efeito de verdade, Lacan chama nessa época de desejo, o desejo inconsciente. A cadeia de sentido inconsciente, poderíamos chamar de demanda inconsciente. Um sonho, ou qualquer formação do inconsciente não é trazer um segredo à vida consciente, uma demanda oculta, mas trazer uma articulação que destaque e produz o efeito de desejo.

O sonho, como uma formação do inconsciente, a mais rica, já produz efeito de desejo, sem interpretação. Não precisa do analista, o sujeito já acorda com esse efeito, se perde um pouco, para localizar, mas já está lá. Outras formações do inconsciente não são assim, tem uma coisa cifrada, mais enigmática e é preciso interpretação para provocar esse efeito.

O desejo é sua interpretação, uma frase de Lacan no Seminário 6¹ é exatamente que quando se monta vem o desejo, a interpretação seria uma montagem, se não tiver montagem, não tem desejo. O sonho é uma realização de desejo, porque o sonho é uma montagem que traz desejo e não “diz qual é o seu desejo”. Até diz qual é o seu desejo, se você quiser ler assim, mas é a realização do desejo no sentido da apresentação dele, entre dois. Essa coisa que você sente está entre as duas linhas do grafo, a presença de uma ausência.

Não tem ainda objeto “a” teorizado, mas a dica já estava dada desde o seminário 5², quando Lacan está tratando das formações do inconsciente ele quer saber quais são estas condições de articulação que produzem a presença do desejo. Mais adiante, Lacan vai começar a dizer que entre as linhas não é só presença de uma ausência, mas tem alguma coisa, um “cavo” como ele diz no Seminário 11, uma substância gozante, no Seminário 20, o paradoxal objeto “a”

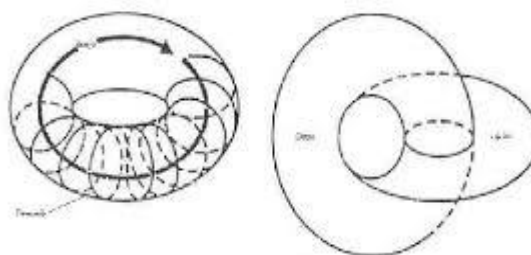
Não é fala, é silêncio, mas é entre as linhas, se não tivesse essa fala, não teríamos o desejo. Não é o desejo, é o furo, a articulação, que institui o furo.



A interpretação incide sobre a causa do desejo

Temos duas cadeias e a palavra que se apresentou “cagado”, as conecta. A partir daí a coisa não acaba, pode aparecer outra coisa, vamos para outra palavra. Nesse caso, fomos do cagado para o pai, dali para o professor, a escola, a análise é assim, metonímica. A cada conexão de duas cadeias, o desejo se apresenta fisgado no meio, mas a sequência de fisgadas vai desenhando não apenas sua presença, mas seu jeito de aparecer para aquele sujeito. É o que chamamos também construir a fantasia, mas que Lacan vai materializar com o do toro.

Com o toro, Lacan materializa que a cada vez que se tem um efeito de interpretação desenha-se alguma coisa ali no meio. Na sequência dos efeitos, o que estamos fazendo é cercar essa coisa no meio. Tem uma hora que a porca morde o rabo e temos uma configuração de como esse objeto se apresenta na repetição. Antes de trabalhar com o objeto “a”, ele materializava esse desenho do desejo como um círculo a mais que se depreendia de cada volta das interpretações (que materializam demandas inconscientes).



Por isso Lacan afirma, no Aturdito, que “a interpretação incide sobre a causa do desejo”. Se o objeto “a” é a causa do desejo, cada uma das interpretações o visa, o materializa sem nunca o atingir. Ela “incide” sobre ele.

O que estava ali era o vazio, efeito de verdade, mas quando vamos montando uma série de coisa em torno, ela se apresenta como uma consistência diferente, isso é que seria a presença do objeto. Quando teoriza o objeto, em vez do toro ele vai usar o cross-cap, que vou deixar de lado hoje, remeto vocês ao “Aturdito”.

Esse esquema do toro, se pensarmos como pedacinhos, nesses pedacinhos de significantes, uma cocha de retalho dessas coisas, ele tem jeito, tem cara, muito simplificada, no caso do “ser cagada”, o olhar do pai faz dela uma “cagada” que vai ser a chave do lugar do objeto. O objeto é “a cagada”, não é o efeito metafórico de estar cagada, tem alguma coisa que está caindo, um liquido asqueroso, isso é o que ela vai encontrar de várias maneiras, na análise dela isso vai dar um efeito que podemos pensar que estamos chegando perto de alguma coisa que é essência. A essência é feita da costura de pequenos efeitos de essências, tem uma hora que costura que tem efeito de essência, podemos dizer “está aí”. Essa é a ideia geral de Lacan do seminário 5 e do seminário 10³.

Familonário, Salmão e miolos

Quando Lacan trabalha o chiste no Seminário 5, está tentando ver as articulações significantes, o que acrescentamos, lendo o 5 com o 10, foi que o chiste não apenas faz embreagem, mas traz o objeto para a cena, objeto um pouco aberrante, construído com pedaços de significantes. No tempo do Seminário 5 Lacan diz que o chiste traz as “ruínas do objeto metonímico” para a cena. Objeto metonímico é como ele chama na época o que mais tarde se apresentará como objeto “a”.

O exemplo fundamental usado por ele é o do *familonário*. No sentido do objeto, a ideia é marcar que o familonário, não é apenas a junção de duas cadeias, mas a apresentação criativa de um ser aberrante e novo. Ele não é apenas a soma de *Familiar* e *milionário*. Para o sujeito do chiste, familonário não é apenas uma gracinha, um mendigo que é tão milionário quanto um Rothschild é coisa séria. Para deixar isso claro, Lacan faz o “caso” de Henrich Heine, que era pobre e casado com uma ricaça. Ele, o criador desse chiste, vivia na carne o que é ser tratado familonariamente.

Mesma coisa no chiste da salada de salmão. Essa tal salada, não é um objeto ideal, era um objeto também bizarro, porque, por um lado ele estava comendo, mas, por outro não poderia comer. estava comendo um objeto que não tinha dinheiro para comprar, e que quando consegue o dinheiro, não pode comer também. Não pode comer nunca. O chiste materializa um objeto impossível.

É também um pouco como o do sujeito dos “miolos frescos”, caso de Kris que Lacan retoma em “A Direção do tratamento”. Ele acreditava que plagiava os outros, roubava suas ideias. O analista interpreta em termos de disputa fálica, ou que não há plágio de fato. Ele sai da análise e vai comer “miolos frescos”, aqueles miolos frescos são um *acting-out*, que Lacan define no *Seminário 10* como “uma interpretação selvagem”, eles estão no lugar do desejo de plagiar e o encarnam, materializam alguma coisa que ficava de fora, a dimensão oral desse desejo de plágio.

Estas apresentações do objeto são fundamentais e o chiste, ou as formações do inconsciente não apenas são um jogo que apresentam um efeito de verdade, mas também são também a presença do objeto. A nossa ideia é pegar cada formação buscando a presença do objeto, e não apenas o que elas são, uma formação de compromisso.

Sabemos que a questão desse seminário é: e se não pudermos mais contar com essa função do familionário, do salmão e os miolos, a função do objeto *a*, como apresentação do real?

Para que aja isto, tem que ter alguém falando, supor uma fala que vai dizer a verdade dele, e aceitando que essas coisas encaixem e produzem efeitos de verdade, porque esse tipo de discurso, do mestre, sempre descarta um resto e ele guarda o real do discurso. O Objeto “*a*”, como define Miller, é o real “em um discurso”, o dispositivo dos quatro discursos. Se eu falar por nada, se não tiver nenhum objetivo, se minha fala não aproximar em nada da minha verdade, não vou ter esses efeitos.

Um mundo sem resto?

O ato artístico, para Lacan do *Seminário 7*⁴ é exatamente colocar alguma coisa no lugar desse *a*, que só encontra numa construção. Na época ele fala em *das Ding*, mas podemos fazer essa equivalência. Seria sua retomada da sublimação freudiana.

A arte tem esse efeito, o objeto no lugar da Coisa e não só o artista faz isso, com a fantasia dele, mas de um jeito que é mais ou menos universal, senão não faria sucesso, quem faz isso apenas com elementos exclusivos de sua fantasia não faz sucesso. Só aqueles que conseguem fazer com os pedaços coletivos da sua fantasia, que apesar de singulares montam alguma coisa que tem efeito.

Essa estruturação que estamos chamando de estruturação moderna e da fantasia, seria subjetividade moderna, que é a antiga, cuidado.

Do mesmo modo que as formações do inconsciente talvez já não tenham no objeto o mesmo valor de real, talvez tenha um mundo de gente hoje fazendo arte que não é desse jeito, do *Seminário 7*.

Temos uma área que é a da investigação, que é a instalação, os objetos são ação, eles não são objetos, mas existem ainda, tem essa ideia do objeto transcendental, o objeto dos objetos, é o uso de uma certa coisa, um processo, um processo ao invés de um produto, num momento é valorizado o produto e noutro o processo. Se soltou do processo, é arte, não precisa do produto.

Da mesma maneira temos a sensação numa análise às vezes de um processo que não vai chegar a produto nenhum. É um processo eterno, estou falando de análise em que não sinto a prevalência do sujeito suposto saber: *SsS*, da interpretação e do objeto *a*.

Qual seria essa subjetividade? Podemos chamá-la de pós-moderna, só por convenção. É a da arte contemporânea, também. Arte moderna, fantasia e arte contemporânea, *sinthoma*, que é a teorização de Lacan desse tipo de estruturação sem resto.

Do mesmo modo temos que distinguir exclusão de apagamento. Se uma pessoa é excluída, é resto, se alguém diz: “me colocou no lugar de resto”, ok, entendemos. Agora, se a pessoa está completamente fora de cena, não tem exclusão, nesse caso ela não existe, ela não é resto,

teríamos então que falar em termos de apagamento, ou de foraclusão. Então, podemos dizer que uma parte da população brasileira não é resto, é o que chamamos de “matáveis”. Resto é o leproso que São Francisco de Assis vai abraçar, é o Lázaro que ressuscita. Os matáveis, não, são invisíveis.

Participante: chamar de foraclusão não é uma perspectiva idealista? Porque supõe um retorno.

O retorno no real seria uma discussão, poderia tentar te convencer que o retorno no real não é retorno. Pelo menos não é um retorno no sentido do recalcado. É um ponto de iniciação de qualquer coisa. Por exemplo, uma alucinação que vem, é com ela que começa alguma coisa, ela não é o retorno de uma coisa anterior. Retorno está voltando de algum lugar. Quando Lacan fala retorno é uma aproximação. No caso de uma psicose, se fossemos aplicar para uma alucinação, o que seria o retorno do real? Por exemplo uma chacina.

Participante: como isso não seria nos excluídos, nos matáveis?

Se fossemos aplicar a foraclusão para isso: o que seria o retorno no real? Por exemplo, a chacina.

Participante: mais isso não seria a própria exclusão?

Está vendo como é bom, isso só ajuda. Alguém fazer uma chacina, excluir alguém, é muito mais.

Participante: primeiro é alguém, depois não é alguém. Se é matado, não é alguém.

Mas para nós é: alguém que mata um matável, isso é excluir? É só consumir uma operação, a subjetivação da coisa, é claro que estamos fazendo um pouco de novela, já que estamos falando de seres humanos, de todos os lados, mas o clima geral, pelo menos no discurso é que “há uma população que não se lida com ela por alguma coisa que está excluída”, tem uma genealogia disso na filosofia.

É uma discussão séria, podemos chegar a ela intuitivamente com o “Branco no Brasil”, que me pareceu, moderno e não pós-moderno, um chiste.

<https://globoplay.globo.com/v/5599744>

Ele é um chiste porque é um retorno do recalcado, na vinheta aparece negros, você percebe como “você estava lá e não estava vendo”, isto é um chiste, o chiste faz isso, aquilo que estava lá, apareceu, não é que essa pequena vinheta seja um chiste, mas ela tem a estrutura do chiste, o excluído, o resto que volta, e quando ele volta, descompensa toda a estrutura, que estava dada, descompensa não, ele produz efeitos de resignificação na estrutura. Eventualmente até desmonta a estrutura, não é esse o efeito do resto voltando.

O que está sendo significado toda hora aqui é o meu sangue negro que não consigo dizer, de repente aparece meu sangue negro e agora estou assustado porque tenho sangue negro, aí começa uma nova série, o efeito do chiste é um efeito verdade nesse sentido, traz o objeto para a cena. Todas as formações do inconsciente, a princípio. Esse objeto tem características: é aquele que eu vejo, digo, sempre esteve ali. Não acho que chacina, funcione desse jeito, tem o retorno de alguma coisa, mas não é isso.

Não haveria humor no estilo do chiste, que não fosse pelo retorno do recalcado. Por isso mesmo o humor de hoje seria muito menos chistoso. E convenciamos chamar uma parte do mundo de hoje, cinismo. Supondo que o cinismo não lida com o retorno do recalcado.

Vejam essa sequência do porta dos fundos.

<https://www.portadosfundos.com.br/media/tinder>

A mulher diz: “o que você está fazendo aí?” Ele responde, “estou fazendo um joguinho, novo” e ela: “mas eu já não lhe proibi?”. Ele diz “esse é ótimo” e vamos descobrir que é o tinder. Ele trata como um videogame. E a coisa vai longe, porque ele acaba jogando com dinheiro e tudo, o tempo todo, amor, sexo, dinheiro, é tudo um grande jogo.

Esse é cínico, creio. O que é o retorno do recalcado ali? Não vejo. O Tinder o “ficar na prisão” tudo é videogame, não tem diferença. A Polícia Federal, ele nem liga, porque se ele for parar na prisão, estaria lá, jogando. O cínico seria isso, é uma recapitulação.

O falo é um símbolo em uma estrutura

Agora precisamos ver como o objeto é articulado ao falo.

Tudo o que estamos falando, supõe que para você tenha a ideia de que tem uma verdade e que essa verdade não consigo alcançar, supõe que em algum lugar tenha essa verdade, você acredita que tenha alguma coisa que vai dizer a verdade do seu ser e acredita que a verdade sobre seu ser é uma coisa, um objeto que você vai encontrar, acredita que alguma coisa em sua vida, pode ser encontrada, o que é uma coisa ridícula, porque a vida da gente é uma confusão. Como é que uma coisa vai significar a minha vida?

Só que isso é que o falo é, desde a Grécia antiga, a ideia de que o falo ereto vai encarnar fertilidade e pujança. Coloco uma estátua em pé, o falo ereto e isso seria o símbolo da vida. Mas, como é que a vida vai estar parada, num lugar só? Tem qualquer coisa aí que é uma ilusão e que as pessoas procuram, e como Lacan fala, esse símbolo fálico oculta o fato de que não tem nada que fica empezinho o tempo todo e o pênis propriamente dito não fica empezinho o tempo todo, só nos filmes pornô, talvez. Tem alguma coisa sobre a própria ereção do falo na cultura que é um engodo. A equação pênis-falo, é a equação que garante a hegemonia masculina. Tem alguma coisa nessa equação que naturaliza e dá a crença na ideia de que aquela coisa existe, e existe entre os homens, não é coisa dos deuses.

É o que chamamos de Nome-do-Pai quando um certo jogo, uma convenção entre os seres humanos fez com que as pessoas acreditassem quem o que estava na estátua no céu, estava na terra.

Participante: o falo ereto, o patriarcado, esse é um símbolo de poder de uma variante precisa.

A grande operação da psicanálise não é validar o Nome do Pai, é dissecá-lo, por um lado, e ver como ele se sustenta não em um poder, mas em uma crença, uma falta.

O que Lacan faz é o que ele diz “o falo não é o símbolo do poder, ele é o significante”. O que é o significante? É alguma coisa que só existe no jogo, é uma coisa que representa alguma coisa para outra. Não existe a noite em sem o dia, só existe a noite para o dia. Quando dizemos que o falo é significante, o falo só tem valor em um jogo. É diferente de dizer que o falo é o símbolo do poder, sim, mas só se alguns concordarem.

Tem um elemento de comédia que Lacan vai trazer na mesma época. O falo é uma comédia, se as pessoas acreditarem no real de seu poder. Uma coisa é saber que o jogo te dá o falo, outra coisa é achar que se tem de nascença. No Seminário 5, no cap; “A comédia do falo”, “Escola de mulheres”, de Molière, será o exemplo disso p Lacan. O sujeito pega uma menina do interior, coloca numa casa fechada, uma menina novinha e ele tem certeza da fidelidade dela. Mas nos cinco minutos em que ela vem à janela consegue traí-lo com olhares com o vizinho e não adiantou nada. É isso, mais refinado, mas é isso. É como aquela piada, o cara procura uma menina do interior e na noite de núpcias ele mostra para ela e pergunta, “você sabe o que é isso?” Ele diz: é um pênis, um falo. Ela responde, “é igual um cacete só que pequenininho”. Isso é toda a escola de mulheres resumidas numa piada. Essa seria a comédia do falo, a pessoa acreditar que o falo é alguma coisa. E não o jogo que lhe outorga o poder.

Lacan chama isso de falo imaginário, ou o imaginário do falo. O simbólico do falo é se saber que só se é falo no jogo.

Se começamos a falar de falo e dá vontade de rir é porque estamos usando o imaginário, se não der vontade de rir, estamos falando dele do lado simbólico. Se digo: “vamos introduzir o falo”, fica meio ridículo, mas “vamos introduzir a questão do falo”, já fica um pouco diferente, aí já virou um jogo, não sei o que estou falando, aí o falo simbólico está funcionando.

Acho terapêutico para nossa comunidade que usa muito o falo no sentido imaginário, quando o importante não é isso. Quando falamos, o falocentrismo não acabou, não acabou no sentido imaginário, mas no sentido simbólico, nessa função de um jogo, podemos nos perguntar se não está acabando.

Tomar o imaginário do falo como real fica ridículo, como na época de Lacan, ou assassino, como hoje. Como o jogo está acabando, a pessoa para manter, tem que dar porrada, para afirmar que tem. É talvez por isso mesmo que vemos falo por toda parte.

A queda na crença da significação fálica, desnuda o objeto. Se antes ele vinha desmascarar o pai, agora está presente, como aquilo que o pai não podia suportar, mas agora ele não vem mais encarnar esse poder de subversão. O chiste é o objeto a , mostrando que o falo é um engodo e trazendo uma verdade que parece mais verdadeira, como resto.

Chaplin e o segredo da comédia

E o cômico? É só pensar nas vídeo cassetadas, nos tombos. O sujeito está andando, levou um tombasso e a gente ri de nervoso, porque você acha que ele deveria continuar bem, funcional, porque a vida é um pouco mais que aquilo. Se ele se escorrega três vezes e você nunca imaginaria que um velhinho tivesse tanto gás. Ele cai em pé. Ou uma criança, um gato. Você se identifica dualmente. Vemos o quanto estávamos presos e quanto a vida é muito mais do que isso, de andar corretamente na rua. Ridiculariza quem está preso e ganha o excesso para você e ri.

Isso é a teoria do cômico em Freud, Lacan vai retomar como o cômico é evidenciar o imaginário do falo. O segredo da comédia é o falo imaginário como engodo, que a vida é maior do que o falo. Freud, fala em desmascaramento, paródia, com relação ao cômico, mas é sempre a mesma estrutura: um excesso, que aparece, onde parece ter uma espécie de automatismo.

A comédia seria o mendigo comendo salmão com maionese, fingindo que é rico. Ele vai fazer tudo sério e vai fazer um monte de gafe e a gente ri. Pagar mico, isso é comédia. O sujeito pobre bagunçado, ele fala mais do real da vida do que o sujeito rico.

O chiste seria trazer o que está ali. O jogo do chiste, é exatamente aquilo que não é nem uma coisa e nem outra, algo que é impossível de dizer que passa a ser dito. Não é o “eu sou pobre e não posso comer salmão com maionese, mas acabo fingindo que sou”.

Charlie Chaplin, em *Luzes da Ribalta*, está tudo engarrafado, ele sai de um carro e passa para o outro lado, a garota o confunde com um milionário, a florista pensa que ele saiu de uma Limusine e o aborda: o senhor quer comprar uma rosa? Esses enganos mostram como os automatismos estão ligados na vida, isso é comédia. O que pode produzir romance também.

O chiste é o que não dava para aparecer, que no caso de *Luzes da Ribalta*, só aparece no final do filme, é só quando ela pega na mão dele, depois que ele foi para a cadeia, fez tudo por ela, se acabou, ela não sabia de nada, era como alguém que a abandonou mas ele estava olhando, e ela ridiculariza: “vou dar uma flor para aquele mendigo”, chegou com o dinheiro que ele roubou para ela voltar a enxergar. Agora ela está vendo uma coisa que era impossível de ver, ela vê o miserável, encosta na mão dele, quando ela vai dar a rosa: é você? A cara dele fecha na cena, num quadrinho. Ele não pode responder, tem alguma coisa desse resto que não vai vir.

O chiste é ela ver, é aquilo aparecer e podemos ver que não tem efeito de humor cômico, tem efeito de riso, que é de outro tipo, de alguma coisa que foi dita e não poderia ser dita.

Em *Tempos Modernos*, também, mas com o objeto voz e não olhar. Remeto vocês a Zizek em *Lacan in hollywood and out*. O vagabundo vai falar pela primeira vez, como cantor, mas perde as letras de sua canção. Resgata o ato improvisando as letras, é o jeito que ele tem de trazer o resto, que traz a voz dele, dá para ouvir a voz dele mas dizendo nada, ai fica muito engraçado. Vocês ouviram essa música? Só vendo. Traz a história de um cara com uma mulher em uma língua que não existe, ele dramatiza o encontro sexual dos dois, na maneira do chiste, trazendo o recalcado à cena. É o canto do chiste,

Participante: o Cristiano Ronaldo fazendo uma propaganda onde diz “eu não caio nunca”.

A estrutura toda do falocentrismo é sempre uma estrutura que inclui uma queda. A verdade cai, depois vem de novo, saímos de uma sessão super bem e daqui a pouco diz, tenho que voltar. Porque tem que voltar se encontrou? Encontra onde acabou de deixar e quando volta para pegar já não é mais a mesma coisa. No percurso de uma análise o objeto sempre cai, quando chego, tenho a sensação de que acabei de deixar alguma coisa para trás, está presente, mas a estrutura dele é de corte, como diz Lacan, é uma queda. Tem alguma coisa num final de análise envolvendo esse objeto, que não é mais queda.

Como fica hoje? Temos a sensação de presentismo, porque não pode ter tempo 1, tempo 2, mesmo que vá ao infinito, é difícil dizer que tem vários tempos. É quase que o tempo todo, lidando com a mesma coisa, as análises e as pessoas. O que fazemos com isso?

O Cinismo

Freud fala em humor cínico que está mais para a metonímia do Lacan, é o chiste metonímico. Já vimos: “Meu filho morreu”, mas como ele pode colocar mais palavras no anúncio pelo mesmo preço, acrescenta: “vendo um carro usado”. Esse é bem cínico.

O que estou chamando de cínico? Colocas todos os semblantes no mesmo plano. Filho ouo carro, por exemplo. O que temos hoje é uma espécie de cinismo generalizado, o que quer dizer que tudo se equivale. Não tem um objeto que vai se colocar como minha verdade, que vai dar o parâmetro para o resto. O Iphone que adoro hoje vou jogar fora amanhã e vou comprar outro, e já sei disso. Não posso dizer que tenho um objeto especial. Por mais que se diga que as pessoas estão movidas por pela vontade de ter o objeto, é uma série de objetos para serem descartados, na hora que você pega no objeto, já sabe que vai ter que descartar. Esse estatuto do objeto que tem valor de coisa, a Coisa, a causa do desejo, está muito bagunçado.

Atenção, esse humor cínico, não é o dos cínicos originais. O último curso de Michael Foucault, *A coragem da verdade*, mostra como é preciso resgatar o valor dos cínicos uma posição digna. Os cínicos, na cidade, mostravam o engano do semblante, por exemplo do poder. Tem um valor revolucionário, nesse cínico que joga tudo fora. É a famosa cena de Alexandre chegando para Diógenes. Alexandre superpoderoso, pergunta: o que você quer? Só quero que você saia da frente do meu sol.

Nada tem importância, tudo é igual, estou aqui na rua, por isso que é cínico, é como um cachorro na rua. O que estamos falando hoje é apenas a ideia de uma derrisão generalizada que está no ar. Não há mais alexandre, então as coisas mudam de figura. Tem qualquer coisa no cinismo que corrói todos os valores, ou quando todos os valores estão corroídos, o cínico vem.

Participante: pensei que o cínico estava no Branco no Brasil, da Globo. É meio cínico a Globo denunciar o Branco no Brasil.

Eu diria hipócrita. O sujeito hipócrita seria aquele avança num espaço se agarra numa identidade e finge que todas as outras que ele tem não são nada. Está agarrado por exemplo “eu sou um

homem sério”, “respeitador da lei”, é hipócrita no sentido de que não acredita nisso. Lacan chamava isso de canalha. Mas canalha teorizado, não acredita no outro, então escolhe um semblante. É diferente do cínico eu recusa todos.

Participante: é importante não ser visto como cômico.

O que Lacan fala no Seminário 7 é a análise tem um perigo, de tornar alguém meio canalha. Porque, aqueles valores que eram seus, podem-se relê-los, aparece outra coisa que é mais importante, perde-se um pouco os valores de base. Você faz análise e, digamos que a hostidade de seu pai é um super valor, não é que você vai deixar de ser honesto, mas aquela honestidade do seu pai perde um pouco da fixação que ela tinha. Tem uma corrosãozinha das identificações, sobre os valores. Lacan diz que no final ele fica burro, como tudo se equivale, não vai querer nada especial, não consegue trabalhar para alguma coisa. O humor cínico tem a ver com isso que Lacan chama de canalha, mas você vai esvaziar os valores em geral.

Nossa ideia é o contrário: como estamos em termos de esvaziamentos de valores, agora a questão é: como rir se não em um cinismo que parece ais de derrocada do que de surpresa, como no chiste.

Lembrem do exemplo da “Buceta rosa”. A russa que foi levada a dizer isso para os brasileiros grosseiros durante a copa. A seguir outros sujeito com cara de torcedores grosseiros também gravam a música “borboletinha, tá na cozinha, fazendo chocolate para a madrinha” e inclui um deles: “Isso não passa no Fantástico”.

Todo mundo ri, porque o que ele faz é afirmar “está vendo, podemos cantar borboletinha, para que fazer esse drama todo? Só porque tinha uma mulher no meio”. É cínico, desvaloriza a violência anterior. Isso que eles estão fazendo de tirar a libido da violência da mulher era para dizer “é só alguma coisa como outra qualquer, era só uma brincadeira”, e fazer isso é pegar essa libido que estava ali e tirar. Pode ser um gesto revolucionário ou anti-revolucionário, nesse caso, anti-revolucionário.

O sétimo episódio da série Atlanta para o cinismo

Pensei e pedi a vocês para verem um exemplo melhor do cinismo contemporâneo, o sétimo episódio de Atlanta.

É uma série, superinteressante, peguei um episódio que é um programa de televisão, tem comerciais, tudo para negros, tem todos os humores. O conto que peguei, era um sujeito que está lá, um trans racial, tem todas as características de alguém que é claramente preto, ele se veste e pensa como um branco, um negão gordo, loiro, aí começa aquela conversa que é exatamente aquela conversa que se faz com trans. Como você percebeu? “Desde cedo, minha família resistiu, mas me dá muito apoio, minha família é ótima ...”, o mesmo texto colocado na boca desse cara no sentido de trans racial e não de transexual. Nesse sentido é cínico.

Transracial, transexual, alguém conta uma história que não sei nem se faz sentido. Alguém conta uma história, parece que tem um sujeito que é trans idade, se passa na Noruega, ele diz que tem 50 anos, é um branco que tem trinta e cinco. Foi adotado por uma família. Alguém me contou isso seriamente, procurem no Google. Tem uma mulher que é defensora trans, e aí quando é tomada do lado dela diz “aqui somos oprimidas, porque esses homens, os gays são maltratados...”. Ele diz: mas os gays são uma coisa horrorosa, detesto gay, tem que apoiar mesmo. Porque ele é branco de 35 anos. Tem alguma coisa onde o cinismo é fácil de mostrar, o difícil é mostrar como isso pode ser riso com Diógenes, ou como isso pode ser riso.

Participante: O general Mourão, (...) um dos exemplos é hilário, “que traços firmes de Norueguês”.

Participante: Em Atlanta tem as cenas da entrevista, o entrevistador que faz a figura do que acha tudo um absurdo. Ele encarna um pouco essa figura de achar tudo um absurdo. Pensei que isso talvez dê o tom do riso.

Tome as três funções que eu trouxe. Está sempre tudo acontecendo ao mesmo tempo agora. Uma das coisas que nos faz rir é um idiota acreditar numa coisa idiotamente. Isso é a comédia do falo. A estrutura do chiste é uma estrutura mais complexa, tem a comédia do falo, tem o ridículo, tem o cômico, e tem o cínico.

Participante: o interessante do personagem encarna ali nele e faz com que a gente não ocupe esse lugar. Não dá vontade de rir, talvez aí não ocupamos o lugar dele o lugar dele. Porque ele está ocupando. Como ele ri do transracial.

Participante: o humor cínico não tem que ter alguma coisa da equivalência do semblante. Não tem que achar que tem que ter alguma cumplicidade no fundo.

O humor cínico precisa de uma cumplicidade, esse fator cumplicidade é que vai fazer a diferença, a mesma piada tem gente que odeia e tem gente que ri. É porque tem uma cumplicidade que vai sustentar esse cinismo generalizado, porque senão é só corrosão. O cinismo radical da Grécia era só corrosão. Esse aqui, se sustenta em uma dualidade imaginária que suporta essa destruição de um semblante. É uma cumplicidade dual, paranoica.

Participante: conta sobre um fato do episódio Atlanta

A posição dele é mais a do “o rei está nu”, não é a posição do cínico. Se a posição dele fosse a de um cínico, seria então cada um por si, então vamos embora, se eu quiser te matar amanhã, então posso te matar, essa questão de vida e morte é relativo. Tem alguma coisa.

Participante: tem um momento que começa a concordar.

O jornalista pode estar ali só para fazer sucesso. Não sabe se acredita mesmo naquilo. Isso é que é um falo não funcionando, na sensação de uma verdade de que alguém acredite alguma coisa, vai ficando cada vez mais fraca.

Participante: no capítulo anterior tem um teste de urina, essa coisa de não ter o falo, na hora em que ela vai confessar que ela não pode fazer o teste, porque não pode perder o emprego, a mulher fala, pode acontecer com qualquer um, nesse momento o falo não está garantido.

Tem uma estrutura que pode ser parecida, quando não se tem mais a verdade do falo, tem contratos que não podem ser rompidos, tem semblantes, convenções que não podem ser tocados, se não tocar nisso, está tudo certo, e também tem ao mesmo tempo a tendência do time adversário que é a de destruir aquele semblante, usando o cinismo. Há uma tensão entre o cinismo generalizado e a contratualidade obrigatória. Palavras que não se pode dizer, senão ninguém ri, se quiser destruir outras coisas, aí pode.

O analista é o que? É só mais uma série, uma série de objetos para descartar, essa é a nossa dificuldade.

Opavivará e o Tupycolé

A arte salva! Pensei numa performance do Opavivará, um coletivo do Rio, Tupycolé.

É uma escultura-objeto, variados picolés que eles distribuem, entre outras coisas, em forma de falo, de pé, vagina, etc.

Imaginem o ambiente seja o desse cinismo generalizado. Não se tem crença em nada, tudo se equivale, nada com nada. Chega uma performance dessas: picolés em formato de partes do corpo humano. Apesar de todo o cinismo, nossas fixações serão solicitadas. Nem todo mundo vai ficar à vontade lambendo um peru gelado. Ao mesmo tempo, são objetos efêmeros, não vou poder me colocar contra ou a favor, estou ali, vou receber um picolé, não vai dar para tão fácil

dizer “isso é um absurdo, vocês estão me ofendendo”, pela efemeridade da coisa, pela brincadeira da coisa.

Mas para alguns, talvez, a vida nunca mais será a mesma porque chupou um picolé de pênis até o final, ou pelo menos a vida se perturba. De alguma maneira, nossa premissa do Lourenzo Mammi, “a arte é o que faz durar”, não como resto, vejam nesse caso, não tem resto, apenas alguma coisa que dura mais do que a velocidade de produção e descarte de novidades geral.

Contra a rapidez do Facebook que vai transformar a minha próxima opinião em uma opinião a ser descartada depois, tenho uma experiência que não é de opinião, não posso dizer que só contra o pênis, ou a favor do pênis, não posso dizer que sou machista, ou se não sou, mas chupando aquele pênis, dá um efeito qualquer, que é diferente de comprar um vibrador. Podia achar isso ótimo ou ser contra.

A arte tem o poder de pelo efêmero fazer durar alguma coisa, isso é um valor para a gente.. E talvez a gente, analistas, possa hoje, com as memórias, fazer de uma memória ou outra nossa, durar um pouco mais. Durar o tempo de fazer uma mudança subjetiva, não precisa de um resto como efeito de verdade. Temos que ter algumas memórias que duram um pouco mais, do que a próxima sessão, ou o próximo terapeuta.

O falo da comédia e o falo do Opavivará, vocês percebem a diferença? Não tem crença mais no falo, mas tem alguma coisa ainda existe na gente e essa alguma coisa vai ser mobilizada, mas ela vai ser mobilizada no sentido do resto, ser mobilizado no sentido de uma certa fixação libidinalis que vão me levar para outro lugar. Podemos imaginar uma análise assim, tenho esperança de que quando passarmos para as formações do inconsciente, todas elas, e cada uma delas, fazemos insígnia com a arte vamos consegui dizer alguma coisa decente com essa análise do fim do mundo.

Hang the dj

https://pt.wikipedia.org/wiki/Hang_the_DJ

Adorei esse episódio, com ele um passo a mais é dado. Será possível, além de fazer alguma coisa durar, fazer uma relação durar?

A história é uma graça, pode ser lida a vitória do amor contra programa. Só que quando vai ver a vitória do amor contra o programa era um aplicativo, o aplicativo conta as escolhas, as escolhas feitas é que vão fazer do aplicativo agir. Isso é o algoritmo, O Uber que você está escolhendo, é que vai fazer o Uber, não é o Uber que o programa escolhe, é você quem escolhe. A escolha da gente, está em outro lugar, não está no lugar de várias escolhas que você calculou, está no lugar de várias escolhas, que vão ser calculadas para dizer para você quer. Um Spotify, eu vou escolhendo e daqui a pouco eles sabem o que quero.

Fazer a relação, acreditar alguma coisa, hoje, é acreditar no algoritmo, que não é acreditar no sentido da crença no falo. Não é acreditar no sentido de Deus, é mais “se eu seguir o algoritmo vai dar certo”. Esse episódio é para isso.

No episódio ele segue o algoritmo, o algoritmo iria encontrar o casal perfeito, e no final das contas o algoritmo não encontra nada. Era tudo só uma simulação. Mas com as infinitas simulações o algoritmo acaba encontrando ou indicando que eles têm mesmo tudo a ver.

Supondo que o aplicativo pesca nas suas memórias, ele simula todas as possibilidades de experimentação com relação aquela figura, pesca da sua personalidade todas as coisas que você poderia ser com aquela figura o que você faria com aquela figura se você vivesse. E a quantidade

de vezes que você romperia com o algoritmo, para estar com a pessoa, isso que é a chance de estar com ela, é o algoritmo do anti algoritmo.

Participante: e a ruptura então?

Precisa do ato a cada vez. Tem que pular o muro a cada vez. 998 puladas de muro contra o algoritmo e então “vocês têm 998 chances de ficarem juntos. É a ideia de que a escolha vai ficar fora do algoritmo.

Só que é um paradoxo, porque é um algoritmo que está calculando, as vezes que “você vai ficar fora do algoritmo”.

Nesse caso também é sem falo, como Tupycolé.

Participante: são vários objetos no Opavivará, porque cada uma vai trazer uma significação diferente, para aqueles espectadores, se fosse só pênis eles partiriam para a ideia de que só o significado, provocaria algum efeito em quem estava ali. O rico é que cada um vai trazer a significação.

Se fosse só pênis, seria uma intervenção, “vamos fazer um escândalo”.

Participante: um incomodo a partir dessas figuras, carregadas de determinadas significações, como são várias, o equívoco está ai.

Não sei se é equívoco, mas podemos dizer, uma pluralidade de feitos que produz um efeito coletivo, isso eu acho legal, eu particularizei, porque vamos ter a seguinte situação: vamos para o *Black Mirror*.

Participante: a escolha parece artificial, não é sem uma.

O lugar do desejo, aqui no lugar do desejo é entre-dois, o lugar do desejo no algoritmo, não é entre-dois, é apreendido no algoritmo, e para eu lidar com meu desejo no algoritmo, essa é outra relação.

Participante: de uma certa maneira isso se sustenta, porque temos uma banda hoje e amanhã a gente sustenta outra, a última banda que você precisa conhecer.

Não sei se é assim, todo dia apresenta uma, se todo mundo comesse a escolher as pequenas. Quem alimenta o aplicativo somos nós, nossa força, nossa voz, a questão sobre o desejo e o mundo do algoritmo é muito diferente da questão do desejo no mundo do texto, sei lá.

De novo aquela discussão que tivemos sobre o texto entre muitos há um texto que se orienta de uma certa maneira, o texto do algoritmo, sei lá, não funciona assim, o desejo faz parte de alguma maneira, intrinsecamente do texto, da programação.

Participante: se você tem um Spotify, pode apresentar situações muito similares.

É difícil dizer assim de uma maneira tão fácil. No tempo em que não haveria isso, a gente tinha a impressão de que não escolheria, a psicanálise já mostrou que nossa escolha não era tão livre, que tanta liberdade é essa que o Spotify nega a gente, eu vou acordar de manhã e escolher o que quiser, eu escolhi perguntando por alguém. Talvez a diferença é que eu tinha que fazer uma conexão, meu físico de fala com outro alguém, agora não preciso disso.

Participante: porque não aparecia antes?

Não é tão novo, o novo é alguma coisa que é repetitiva.

Participante: o meu Spotify me conhece, sabe o que eu quero.

O meu é mais uma faceta degenerada da minha pessoa, só música americana idiota.

A primeira leitura daquele episódio, seria, eles tem a liberdade, de fazer o novo, contra o negócio, no final era só uma simulação, o novo está dentro de um jogo de simulações, é difícil isso, mas é interessante, de qualquer maneira continua sendo escolha, só que não é a escolha que eu fiz, a escolha que foi simulada para que eu fizesse. A partir das minhas escolhas anteriores, esse é o lugar da escolha hoje.

Participante: um dos episódios do Black Mirror, eu sai pensando que eles queriam me matar.

Participantes: inaudíveis.

Esse é a versão feminina disso aí. Elas querem ficar juntas e rompem a máquina, para ficarem juntas, só que é o contrário, ao invés de brigar com a máquina brigam com a vida, ela joga fora a história dela com o marido.

Participante: a gente cria um paraíso. Rs.rs.

Coletivos

Um dos problemas, para nós psicanalistas é, a função de objeto, a função de causa, mas outra é que parece que a única coisa que tem duração que consegue durar nesse mercado louco, é coletivo.

Pouca coisa que alguém faça, vai durar, vai ter esse efeito de arte, de arte dos coletivos, os coletivos estão em todos os lugares, essa é uma questão, o Foucault falava isso, para uma coisa durar nesse mercado tem que ser coletiva, é porque teve uma coisa do grupo que sai do indivíduo que consome, o indivíduo que consome, vai embora, o liberalismo virou neoliberalismo. Mesmo o indivíduo, depois o coletivo, naquilo que Deleuze fala e que todo mundo cita, o socialista, o coletivo e o liberal, funciona, tem que ser coletivo, aí entra a psicanálise: pô vocês estão lá na Escola, não estão fazendo nada, tem tanta coisa acontecendo. É um problema. Primeiro que a psicanálise não é individual, nossa relação com o coletivo, não é de indivíduo, apesar da prática ser liberal, classicamente a prática da psicanálise é liberal, que paga para um outro. A relação de indivíduo e o coletivo ali, é muito especial, você não sai da análise com a sensação é o contrário, não é uma prática exatamente individualista, mesmo que seja individual não é individualista, tem um coletivo na análise, na prática até agora a psicanálise funciona na base de um-para-um. Há que se vê como vamos pensar o mundo em coletivos, mantendo, o efeito do inconsciente, mas realmente é uma questão para a gente. Dá para fazer a mesma coisa quando se está no coletivo e quando se é indivíduo, contra o mercado, quero dizer.

Quando o Opavivará faz vários sorvetes, de várias cores acho que isso produz um efeito coletivo, não é só cada um, tendo alguma coisa com o falo, são vários efeitos e esse coletivo não é em torno do mesmo símbolo, isso é necessário, acho que você tem razão – se dirigindo a alguém. É necessário para que tenha o efeito político daquela intervenção, é muito diferente do que seria o mesmo órgão.

O um-a-um que a gente repete não é o indivíduo a indivíduo, as pessoas todas só podem se safar individualmente, o um-a-um que a gente diz quer dizer várias coisas, não quer dizer que só indivíduo por indivíduo que haverá efeitos analíticos.

Participante: a psicanálise tem um monte de dispositivos para evitar a coisa coletivizante.

Esse coletivo aí, é o coletivo no sentido da massa ou do grupo, pense nos coletivos das suas memórias, em análise, isso talvez lhe ajude. Numa sessão, quais foram os personagens que foram mobilizados? Um coletivo.

Espero que com a continuação do seminário, a gente possa chegar a cada um dos coletivos porque o que estamos falando de coletivo não é nem um-por um, nem a massa, nem a horda,

esses coletivos, se é que eles existem. Funcionam para o que não são desse registro. Minha proposta é que a gente vá pelo sintoma.

¹ *O Seminário Livro 6: o desejo e sua interpretação*. 1958-59). Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2016.

² *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58)*. Rio de Janeiro. JZE. 1999.

³ *O Seminário, Livro 10: a angústia (1962-63)*. Rio de Janeiro: JZE. 2005.

⁴ *O Seminário Livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1998.